



RELATO

O TCC ADAPTADO AOS TEMPOS DE PANDEMIA: O PODCAST SUBSTITUI O DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL

Fernanda de Sousa Abreu¹

Sílvia Henrique Vieira Barbosa²

RESUMO

A pandemia prejudicou especialmente o ensino laboratorial de telejornalismo, historicamente presencial, em que os alunos tem acesso à prática por meio de exercícios de realização do telejornal e dos formatos pelos quais a notícia se apresenta de forma audiovisual, como a reportagem e o documentário. Da mesma forma, o trabalho de conclusão de curso pensado no formato de documentário ou de reportagem especial enfrentou as barreiras definidas pelo fechamento dos laboratórios, cancelamento da retirada de equipamentos para gravação e edição e, também, pela impossibilidade de encontrar, presencialmente, as fontes a serem entrevistadas. Sendo assim, o presente trabalho - sobre casos de feminicídio no Piauí - foi adaptado para o formato de Podcast, com gravações realizadas pelo WhatsApp, utilizando-se, por fim, os estúdios da Rádio Universitária 96,7 para a gravação dos offs da orientanda.

PALAVRAS-CHAVE

Feminicídio. Podcast. Jornalismo. Pandemia.

Quase todos os aspectos do Podcast **Homens que matam** foram previamente planejados: características como o público alvo, o tema, o formato, as pautas, os participantes, pensando-se numa produção audiovisual em formato de documentário. Entretanto, com o advento da pandemia, o ambiente de gravação e os equipamentos usados tiveram que ser totalmente adaptados às

¹ Aluna do curso de jornalismo da Universidade Federal do Piauí. E-mail: fernandaa.abreu.adv@gmail.com

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Jornalismo da UFPI. E-mail: shbarbosa@hotmail.com



atuais circunstâncias. A ideia inicial, gravar um documentário audiovisual, teve que ser adaptada para o formato do Podcast, com reportagens especiais seriadas, uma vez que houve o fechamento do laboratório de telejornalismo e a proibição de cessão de equipamentos aos alunos, como câmeras de vídeo, baterias, microfones etc. Manteve-se o foco na captação de depoimentos, que ocorreu por meio do aplicativo do WhatsApp, principalmente porque o momento não permitia entrevistas presenciais.

Os programas foram gravados com a estrutura do podcast **Homens que matam** projetada para se assemelhar ao estilo de podcasts criminais produzidos no Brasil, com pautas não tão rígidas, vinhetas elaboradas e informalidade, com gravações virtuais e uma trilha sonora sombria, que denote tensão. A divulgação do produto foi pensada para alcançar mulheres e famílias que estejam passando por situações semelhantes com base nos relatos narrados nos episódios, divulgando-se pelas redes sociais.

1.1 processo de criação dos episódios

O primeiro passo para a criação dos episódios foi a definição dos casos das vítimas, levando em consideração a quantidade de pessoas que se mostraram dispostas a contribuir, depois a captação de conteúdo, e, por fim, a edição com base nos relatos. A dinâmica e os temas asseguraram que os debates fluíssem e a duração fosse ideal.

A trilha sonora escolhida visa transmitir sensações de tensão, violência, tristeza e esperança. Além de incluir sons de gritos, máquinas de datilografia, dentre outros, a música da vinheta, que por sua vez foi selecionada por trazer um elemento de suspense tendo como referência relatos de jornais e programas de TV que divulgaram os casos à época.

Com o áudio bruto editado, a vinheta montada e o background escolhido, todos os elementos foram unidos e bem integrados.

1.2 descrição do produto





O “Homens que matam” é um podcast sobre casos de feminicídio de grande repercussão na cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí, voltado para o público que combate o crime de feminicídio e interessados no tema. Cada edição propõe debater um caso que se destacou na mídia pela crueldade e perplexidade gerada no seio da sociedade. Isso se deu pelo aumento dos casos de feminicídio na quarentena.

Os programas possuem a seguinte estrutura:

- Apresentação: O host, ou apresentadora, dá as boas-vindas aos ouvintes, se apresenta, fala brevemente sobre o tema. Antes da fala de cada participante faz-se uma referência para que os ouvintes possam identificá-los por suas vozes. Após isso, o host chama a vinheta de abertura.
- Vinheta de abertura: Uma vinheta criada exclusivamente para o podcast, com cerca de um minuto e dez segundos de duração;
- Anunciar o tema: A apresentadora explica o assunto a ser trabalhado no episódio;
- Relatos: Ocupa a maior parte do programa. A narrativa de cada participante que fez parte da vida das vítimas é que conduz os episódios, mesmo com um tema elaborado, é informal. A apresentadora conduz os relatos para os pontos principais a serem debatidos e ressalta o relato de cada participante, embora a narrativa seja livre;
- Conclusões finais: O desfecho busca levantar uma reflexão para que a morte das vítimas não tenha sido em vão;
- Despedida: A apresentadora encerra o programa, demonstrando que foi aberta oportunidade para que a parte ré, por meio de seus representantes legais se manifestasse sobre os casos, porém em ambos os episódios, os advogados constituídos recusaram o convite e optaram por não se manifestarem. Antes da



mensagem reflexiva sobre a vida das vítimas, a apresentadora relatou a movimentação atual do processo.

A vinheta mescla a fala de diversos familiares e amigos que fizeram parte dos episódios. Bem como saúda os combatentes da luta contra o feminicídio e explica o objetivo do Podcast. Como uma das características do Podcast é ser um conteúdo *on demand*, ou seja, para ser consumido em um momento de preferência do ouvinte, essa saudação familiar foi usada no Podcast **Homens que matam** para criar uma atmosfera intimista, ao mesmo tempo em que aproxima qualquer pessoa que se identifique com o conteúdo dos episódios.

Os dois episódios ficaram com as seguintes durações:

- Episódio 1 – Caso Vanessa Carvalho – 47 minutos e 21 segundos.
- Episódio 2 – Caso Camilla Abreu – 28 minutos e 05 segundos.

Ao contrário de programas de rádio, podcasts não possuem roteiros. As pautas, porém, direcionam a narrativa.

O primeiro episódio do podcast **Homens que matam** tem como tema a trajetória de vida de Vanessa Carvalho, até o dia que sua vida foi ceifada de maneira bárbara. Busca-se entender Vanessa sob a ótica da família e de amigos, e como sua morte brutal alertou sobre as consequências de relações abusivas tanto para a companheira do agressor, como para todos que convivem dentro desse ciclo de violência. Vanessa não namorava o réu, mas sempre batalhou para que sua amiga, Anuxa Kelly, se desprendesse dessa relação, que hoje foi considerada mortal.

Dentre todos os depoimentos, o relato de Anuxa foi concedido de forma espontânea e exclusiva. Este episódio explica a vida e legado de Vanessa. O objetivo foi, portanto, desmembrar esse viés de estatística. São mulheres. Vidas. Pessoas que eram amadas e queridas e que tiveram sonhos interrompidos de uma maneira tão cruel.



O resultado foi uma narrativa emocionante que impõe a reflexão sobre a necessidade de romper esse ciclo da violência, antes que o fim presumido se concretize.

O segundo episódio do podcast **Homens que matam** tem como tema a trajetória de vida de Camilla Abreu, sob a ótica da família e de amigos, e como sua morte brutal alertou todo o Estado sobre o perigo que se esconde atrás de certos relacionamentos, principalmente quando companheiros pertencem a Polícia Militar, Civil ou Forças Armadas e usam a “farda” como escudo para cometerem atos violentos e intimidar as vítimas. Este episódio explica sua vida, morte e legado.

1.3 gravação

Todas as participações foram enviadas por meio de áudios do WhatsApp, devidamente autorizados para edição, apesar de orientados a gravarem em ambiente silencioso, para diminuir os ruídos e falhas na audição, alguns relatos ficaram comprometidos pela qualidade apresentada. A gravação da apresentadora ocorreu de forma presencial nos estúdios da rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí. O ambiente possui isolamento acústico e equipamentos de gravação já usados na rádio, como microfones, mesa de som, etc. Essas condições foram as melhores para que a maioria das gravações ocorresse tranquilamente e com os bons resultados. O software utilizado para a captação de áudio foi o Sound Forge.

1.4 edição

O processo de edição buscou dar naturalidade às falas dos participantes, e, por essa razão grandes cortes foram evitados, com exceção dos casos que os convidados dissessem algum comentário com a audição comprometida. Respirações e ocasionais palavras gaguejadas também não foram cortadas, ao menos em casos que incomodassem ou dificultassem o entendimento.



Para a limpeza e sonorização dos arquivos brutos também foi utilizado o *Sound Forge*. Esse editor de áudio foi escolhido porque possui uma fácil curva de aprendizado e recursos de edição mais complexos que permitem o uso de técnicas mais elaboradas.

Todas as edições possuem uma música de background. Para evitar problemas com direitos autorais, Leo Lopes orienta:

(...) recorrer às mídias classificadas como podsafe, cuja tradução livre é “seguras para o uso em podcasting”. (...) As músicas classificadas como podsafe geralmente usam licenças do tipo Creative Commons. (Lopes, 2015, p.83)

Nesse caso tanto a música de background quanto a da vinheta foram retiradas da biblioteca de áudio do Youtube, um acervo com mais de cem músicas gratuitas e com permissão de livre uso de todos os seus arquivos sem a necessidade de dar direitos autorais.

1.5 dificuldades encontradas

Durante o processo de produção, diversos desafios foram enfrentados. Inicialmente o projeto era elaborar um documentário audiovisual, entretanto, por conta do advento da pandemia, o formato foi alterado para podcast pela impossibilidade de gravação presencial, bem como pela impossibilidade de utilizar os equipamentos do laboratório de TV da UFPI. Ato contínuo, definido o formato, o próximo passo foi buscar familiares, amigos e conhecidos dispostos a participar de cada episódio.

Somado a isso, relembrar episódios traumáticos é sempre um ponto delicado que requereu bastante paciência e sensibilidade na abordagem. Aguardar o envio da participação, além de atrasar a produção, definiu a pauta da narrativa dos episódios, e por esse motivo, só foi possível elaborar dois episódios de casos de feminicídio. Unificar todas as participações de modo a não



comprometer a imagem da vítima, e nem adentrar em assuntos processuais ainda não julgados, considerando que, em nenhum dos casos os indiciados pela prática delituosa foram condenados em júri popular, foi um ponto levado em consideração para cumprimento da ética jornalística.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Isabela Cabral. **Jornalismo narrativo em podcast: uma análise da linguagem, da mídia e do cenário**, 2015. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BARROS, Francisco Dirceu. **Feminicídio: controvérsias e aspectos práticos**. Editora Mizuno, São Paulo, 2021;

CASTRO, Gisela G. S. **Podcasting e consumo cultural**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/53/53>> Acesso em: 24/02/2011.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, UFRGS, n.37, dezembro, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X, 2016.

LOPES, Leo. **Podcast: guia básico**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

LUIZ, Lucio et al. **Reflexões sobre o podcast**. Edição Kindle. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014.

REZENDE, Djaine Damiani. **Podcast. Reinvenção da comunicação sonora**. 2007. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0708-1.pdf>> Acesso em: 24/06/2021.

VILLA, Eugênia Nogueira do Rêgo Monteiro. **Circuito do Feminicídio**. Editora Lumen Juris. Rio de Janeiro, 2020.